



## “Casados para sempre”: Casamento e família na concepção de casais evangélicos neopentecostais<sup>1</sup>

*“Forever married”: Marriage and family according to neo-charismatic couples*

Mariane Ranzani Ciscon-Evangelista<sup>[a]</sup>, Paulo Rogério Meira Menandro<sup>[b]</sup>

<sup>[a]</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES - Brasil, e-mail: mariciscon@gmail.com

<sup>[b]</sup> Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES - Brasil.

---

### Resumo

Opções religiosas podem se traduzir em transformações comportamentais e conceituais em todas as esferas da vida de quem as faz. Pode resultar daí a redefinição de aspectos da identidade social, em decorrência da filiação a um novo grupo. Os relacionamentos interpessoais, especialmente com o cônjuge e com os filhos, também podem passar a ser vividos com mudanças expressivas. Conhecer, descrever e analisar concepções e práticas relativas aos temas inter-relacionados da vida conjugal, constituição de família e projeto de vida de casais pertencentes a um grupo evangélico neopentecostal, bem como a compreensão do processo de formação identitária implicado, foi o objetivo do presente trabalho. Foram entrevistados, por meio de roteiro semiestruturado, dez casais com participação ativa em uma igreja evangélica neopentecostal, casados entre um e dez anos, com ou sem filhos. Eles responderam perguntas sobre seu envolvimento com o grupo religioso, seu relacionamento conjugal e com os filhos, e seus planos para o futuro. Os dados foram submetidos a procedimento de análise de conteúdo, organizados por meio do *software* QSR. A opção por um novo grupo religioso acarretou mudanças em termos de identidade social que influenciaram concepções e práticas dos participantes em relação às pessoas com as quais convivem, especialmente com cônjuges e filhos. O relacionamento conjugal passou a ser compreendido e vivido como indissolúvel, com o que aumentou a disposição para administrar conflitos, perdoar, e renunciar a determinadas ações e concepções em benefício da relação. Constatou-se que papéis tradicionais de gênero estão presentes na realidade dos casais, em aparente processo de transformação para alguns deles.

**Palavras-chave:** Religião. Casamento. Família. Identidade social. Neopentecostalismo.

---

<sup>1</sup> Apoio CAPES.

### **Abstract**

*Religious choices may translate into behavioral and conceptual transformations on all levels of the life of the decision maker. A redefinition of aspects of the social identity may result therefrom, as a consequence of the affiliation to a new group, and interpersonal relationships can suffer expressive changes in the way they are lived, specially the relationships with the spouse and children. The objective of this work was to identify, describe and analyze conceptions and practices relative to the interrelated themes of conjugal life, family building, and life project of couples that belong to a neo-charismatic group, as well as the comprehension of the implied identity formation process. Using a semi-structured script, ten couples who have been married between one and ten years, parents or not, were interviewed. The answers were about their involvement with the religious group, their conjugal relationship, the relationship with their children, and plans for the future. The data were organized through QSR software and submitted to a content analysis procedure. Choosing to belong to a new religious group brought changes on social identity that influenced the interviewees' conceptions and practices with respect to the people they live with, especially towards the spouse and the children. The conjugal relationship began to be understood and lived as indissoluble, thus increasing the disposition to administrate the conflicts that appear in the relationship. The disposition to forgive and to renounce certain actions and conceptions for the benefit of the relationship also increased. It was found that traditional gender roles are present in the lives of the participant couples, in an apparent transformation process for some of them.*

**Keywords:** Religion. Marriage. Family. Social identity. Neo-charismatic movement.

### **Introdução**

Opções religiosas podem se traduzir em transformações comportamentais e conceituais em todas as esferas da vida de quem as faz. Um dos termos mais utilizados para sinalizar a mudança de religião – “conversão” – transmite a ideia de uma reformulação, redirecionamento, transformação. Nos últimos anos, no Brasil, tem sido constatado um intenso trânsito religioso (Almeida & Montero, 2001) entre pessoas que abandonam seu pertencimento a determinados grupos religiosos, e passam a fazer parte de algum outro, assumindo as características desse novo grupo.

Dentre os grupos que mais tem recebido adeptos, estão os evangélicos neopentecostais. Esses grupos religiosos, presentes no contexto brasileiro a partir da década de 1970, são caracterizados por ênfase na atribuição de dons pelo Espírito Santo, na “batalha espiritual”, confissão positiva, e teologia da prosperidade (Silva, 2008). Na prática, entretanto, essas características tem sido mescladas a outras, correspondentes a diferentes denominações, em exercício de adequação às necessidades/requisições dos membros (Almeida & Montero, 2001). Pacheco, Silva e Ribeiro (2007) tiveram acesso a um grupo de pessoas inseridas há pouco tempo em grupos de evangélicos pentecostais, e estas relataram grandes

mudanças em diversas áreas, decorrentes dessa nova adesão religiosa.

Em tais contextos religiosos são comuns trabalhos direcionados à família, com troca de informações/experiências sobre relacionamento conjugal e entre pais e filhos. Esse ensino é embasado bíblicamente e se torna parte da representação daquele grupo social do qual o indivíduo passou a ser parte. A família brasileira é caracterizada atualmente por configurações diversificadas e permeabilidade a novos valores, mas ainda prevalecem, em especial entre grupos religiosos, valores mais tradicionais referentes ao casamento, à forma de educar os filhos, e às questões de gênero, transmitidos dos mais velhos aos mais novos, por meio de cursos, sermões nos cultos e incentivo à literatura especializada (Domínguez, 1998). Embora alguns autores identifiquem perda de poder de instituições religiosas no que se refere ao controle exercido sobre as famílias (por exemplo, Jablonski, 2003), outros, como Lambert e Dollahite (2008), têm encontrado indivíduos cujos casamentos são configurados de acordo com a compreensão que possuem da Bíblia, o que, segundo esses autores, contribui para que os casais dialoguem mais sobre seus conflitos e cheguem à resolução, uma vez que não consideram a possibilidade do divórcio e, portanto, procuram manter o relacionamento de forma harmônica.

Pode resultar daí que os relacionamentos interpessoais, especialmente com o cônjuge e com os filhos, passem a ser vividos com mudanças expressivas. Pode resultar de todos esses fatores, ainda, a redefinição de aspectos da identidade social em decorrência da filiação a um novo grupo.

De acordo com Tajfel (1983), é a partir da experiência com diferentes grupos sociais que os indivíduos estabelecem suas identidades, havendo forte vinculação e valorização do(s) grupo(s) de pertença (endogrupos) – seja essa pertença objetiva ou psicológica – e desvalorização do(s) grupo(s) de oposição (exogrupos). Tajfel (1983, p. 294) afirma que

o conhecimento que ele tem de que pertence a determinados grupos sociais, juntamente com o significado emocional e de valor que ele atribui a essa pertença só podem ser definidos através dos efeitos das categorizações sociais que dividem o meio social de um indivíduo no seu próprio grupo e em outros.

Para o autor, a identidade social de um indivíduo pode ser definida como a compreensão que ele desenvolve de pertencimento a determinados grupos sociais, associada ao significado emocional e aos valores dos quais tal pertença se reveste. O sentimento de pertença a determinado grupo implica o compartilhar crenças e atitudes e vivenciar relações mediadas por uma carga valorativa. A identificação com determinado grupo afeta o comportamento social do indivíduo (Jackson & Smith, 1999). Esses autores propõem que quanto mais este indivíduo se identifica com o grupo em questão, mais estará comprometido e se apresentará como suporte para a manutenção do grupo. Quanto mais profunda e mais emocionalmente comprometida for a identificação com o grupo, maior a possibilidade de atribuição de características negativas ao exogrupo, e menor a possibilidade de compreensão das insuficiências do endogrupo.

Durante sua existência, um mesmo indivíduo pertence a inúmeros grupos, sendo que, em função de aspectos da organização da sociedade, alguns grupos são valorizados socialmente, enquanto outros são marginalizados. De acordo com Tajfel (1983), é nesse contexto que ocorrem os fenômenos de “mobilidade social” e de “mudança social”, ou seja, o trânsito de um indivíduo para outro grupo, mais valorizado socialmente (mobilidade), ou a valorização

grupal por meio de um movimento de natureza política e sociocultural que resulte em aceitação social do grupo marginalizado, construindo condições para o reconhecimento do novo *status* e possibilitando a transformação de todo o grupo social (mudança). O trânsito de indivíduos de uma religião a outra, ou da ausência de vinculação religiosa ao engajamento a um grupo religioso pode ser compreendido como mobilidade social, tal como descrita por Tajfel, com seu novo grupo religioso sendo o endogrupo desses indivíduos, enquanto seu exogrupo passa a ser o grupo “da outra religião”, ou dos “sem religião”, grupo do qual era participante. Essa nova vinculação grupal interfere na forma de se relacionar com as pessoas em geral e especificamente com familiares, fator este que direciona ao objetivo da pesquisa aqui relatada.

Conhecer, descrever e analisar concepções e práticas relativas aos temas inter-relacionados da vida conjugal, constituição de família e projeto de vida de casais pertencentes a um grupo evangélico neopentecostal, bem como a compreensão do processo de formação identitária implicado, foi o objetivo do presente trabalho.

## Metodologia

Participaram da pesquisa dez casais, indicados pela liderança da igreja ou por outros participantes da pesquisa. Os critérios para a seleção do grupo foram os seguintes:

- a) ambos os cônjuges deveriam ser membros da igreja há pelo menos um ano;
- b) deveriam morar juntos há pelo menos um ano e no máximo há dez anos, sendo casados legalmente ou consensualmente;
- c) os casais deveriam estar – ou já ter estado – envolvidos em um dos trabalhos direcionados a casais realizados no âmbito religioso do qual participam.

Esses critérios buscaram garantir que os participantes apresentassem identificação razoavelmente assegurada com o grupo religioso, além de evitar que um tempo maior de casamento exigisse comparações referentes à diferença entre gerações e às eventuais transformações do papel da vida conjugal e da inserção religiosa no projeto de vida do casal.

A partir de um roteiro semiestruturado, cada cônjuge foi entrevistado separadamente, após ter lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que assegurava ausência de riscos aos participantes, bem como proteção da identificação pessoal. As questões versavam sobre envolvimento com o grupo religioso, relacionamento conjugal e com os filhos, e planos para o futuro.

Os participantes receberam nomes fictícios. Os membros de um casal receberam nomes com as duas primeiras letras iguais, e o(a) filho(a) desse casal, um nome iniciado com essa mesma letra, mas com a segunda diferente. Um exemplo: o casal Mateus e Marisa e seu filho Michel.

Os dados coletados foram submetidos a procedimento de análise de conteúdo (Bardin, 1977), tendo sido organizados por meio do *software* QSR N6. Trata-se de um programa para organização e exploração de dados qualitativos em projetos centrados em metodologias baseadas em categorias de conteúdo (QSR International, 2002). O N6 possibilita a criação de categorias (*nodes*), elaboradas pelo pesquisador de acordo com os objetivos da pesquisa, que são acrescidas de frases ou parágrafos provenientes das transcrições das entrevistas. As categorias são dispostas em forma de árvore, possibilitando a criação de categorias principais e subcategorias, ilimitadamente. Dessa forma, após a leitura do material transcrito, as categorias puderam ser elaboradas, e as falas dos participantes distribuídas de acordo com a similaridade de significados, de maneira ágil e precisa.

## Resultados e discussão

A idade dos participantes variou entre 24 e 40 anos. Entre os homens, a média de idade foi de 31,3 anos e entre as mulheres de 28,1 anos. Em apenas um caso foi constatada que a diferença de idade entre os cônjuges era superior a quatro anos (um casal em que o homem tinha 37 anos e a mulher 25). Em nenhum caso a esposa era mais velha que o marido, havendo dois casos em que os cônjuges tinham a mesma idade. A configuração “marido mais velho que esposa” é aquela mais comum e considerada mais tradicional na cultura brasileira e, portanto, os participantes do estudo não representam exceção em relação a tal aspecto.

Quanto à escolaridade, seis homens apresentaram o ensino médio completo; um homem

tinha o ensino superior incompleto e um o estava cursando; um tinha o superior completo e um havia concluído um curso de especialização. Entre as mulheres, três tinham o ensino médio completo, quatro apresentaram o ensino superior completo e uma o estava cursando; duas tinham especialização. Como grupo, as mulheres apresentaram, portanto, maior escolaridade. Foram cinco os casais em que as mulheres apresentam nível de escolaridade superior ao do marido, situação que se inverte em apenas dois casais. Em tal aspecto o grupo de participantes parece refletir uma alteração no quadro de escolaridade de mulheres e homens brasileiros que já está expressa nos dados recentes coletados pelo IBGE. A escolaridade das mulheres urbanas no País é, em média, um ano maior do que a dos homens (IBGE, 2008).

Quase todos os participantes que concluíram apenas o ensino médio relataram planos de cursar o ensino superior. Um único entrevistado considera tal plano desnecessário para a realização de seu trabalho, mas gostaria que seu filho chegasse à universidade no futuro. Scott e Cantarelli (2004) afirmam que algumas denominações protestantes incentivam a leitura e a escolarização de seus membros. Não existem muitos elementos que permitam a realização dessa comparação, uma vez que este não era um dos objetivos do instrumento, mas é interessante destacar que entre os casais considerados pertencentes à classe de baixa renda, duas mulheres completaram o ensino superior.

Ainda de acordo com dados divulgados pelo IBGE (2008), houve aumento, entre as famílias brasileiras, no número de casais sem filhos em que ambos os cônjuges possuem rendimentos (3,4% dos domicílios ou 1,9 milhão de casais). Em 58,7% desses casais a idade máxima dos cônjuges era de 34 anos, ou seja, eram casais que ainda contavam com a possibilidade de ter filhos. Os participantes deste trabalho corroboram esses dados, uma vez que três casais ainda não tinham filhos, e três casais estavam esperando o primeiro filho. Quatro casais tinham um único filho, com idade variando entre seis meses e três anos. O menor tempo de união desses casais com filhos foi de quatro anos, o que evidencia que os participantes procuraram esperar alguns anos depois do casamento para decidir ter o primeiro filho.

Quanto ao tempo de casamento dos participantes, a média foi de cinco anos. O casamento mais recente aconteceu há um ano e meio, e o casal com maior tempo de união completou nove anos.

No momento da realização das entrevistas, apenas uma entrevistada não exercia atividade remunerada. Os demais entrevistados apresentaram profissões compatíveis com a escolaridade; os que possuem ensino médio completo, cursando ou não o nível superior, exercem as profissões de técnico de instrumentação, motorista, taxista, auxiliar administrativo, gerente comercial, técnico de eletrônica, agente de saúde, modeladora, técnico de contas médicas, operadora de telemarketing e técnica em enfermagem. Os participantes que já completaram o ensino superior ou têm especialização exercem as seguintes profissões: bióloga, administradora, empresário, pedagoga, auxiliar de controle de contratos, farmacêutica e gestor de planejamento, inovação e tecnologia. Segundo Rocha-Coutinho (2007), o exercício de atividade remunerada pela mulher do casal, seja essa atividade de alto rendimento ou não, influencia a decisão do melhor momento para ter um filho. A autora afirma, adicionalmente, que o comprometimento dessas mulheres com o trabalho é reconfigurado após o nascimento do filho. Uma participante é exemplo exato desta reconfiguração, uma vez que deixou seu trabalho para exercer a maternidade em tempo integral.

Os próprios participantes denominam como “conversão” (termo utilizado aqui tal como referido pelos participantes) o momento a partir do qual passaram a se reconhecer como cristãos, mais especificamente como evangélicos, ou seja, passaram a “seguir” Jesus Cristo e mudaram seus valores e costumes. Esse momento tende a ser lembrado pelos participantes como um marco, e apenas aqueles que passaram a infância convivendo com a religião evangélica apresentam dificuldades para determinar o momento exato em que essa decisão ocorreu, uma vez que sua vida se desenvolveu baseada nos princípios da religião. Assim, a média de tempo de conversão entre os participantes que conseguiram definir esse momento foi de aproximadamente oito anos. A conversão mais recente aconteceu há apenas dois anos. As conversões que aconteceram há mais tempo datam de aproximadamente vinte anos atrás, segundo os entrevistados. Uma das participantes declarou “a vida toda” de vinculação, porque nasceu em família com grande envolvimento com a religião, e não houve em todo esse tempo uma opção ativa – ela cresceu no meio e permaneceu ali.

Já o tempo de membresia na igreja atual foi, para a maioria dos casais, mais recente do que o

tempo de conversão, ou seja, eles aderiram à religião por meio de outras igrejas/denominações e, por motivos pessoais e/ou por discordâncias doutrinárias, decidiram fazer parte da igreja atual.

Os dados obtidos por meio das entrevistas com os participantes foram agrupados, com o objetivo de organizá-los de forma que favorecesse sua interpretação e análise, em dois grandes blocos temáticos: a) “envolvimento com religião”; e b) “relacionamento conjugal, filhos e projetos para o futuro”. A partir de cada um desses blocos de conteúdo, foram criadas diversas categorias, apresentadas a seguir.

O bloco temático “envolvimento com a religião” diz respeito à história da filiação religiosa do(a) participante, e às práticas, concepções e avaliações decorrentes desse envolvimento com sua religião atual. Está representado pelas seguintes categorias:

- 1) interesse pela religião;
- 2) escolha da igreja atual;
- 3) referência a outras religiões;
- 4) religião dos familiares na época da conversão;
- 5) mudanças relacionadas à conversão;
- 6) relacionamento com família e amigos, inclusive os não evangélicos;
- 7) visão sobre o próprio grupo;
- 8) participação em ministérios;
- 9) vivência de situações desagradáveis ou constrangedoras;
- 10) proposições/exigências da igreja difíceis de cumprir.

A trajetória de cada participante, no que se refere ao interesse e ao sentimento de pertença ao grupo religioso, bem como às mudanças nos relacionamentos após a conversão, afirmada em cada uma das categorias anteriores, pode ser compreendida por meio dos recortes relatados a seguir: “*eu queria algo mais profundo com Deus*” (Davi); “*e foi quando Jesus entrou que ele completou e tem feito dentro de mim uma obra de transformação da minha vida. Então cada dia eu tenho me aproximado mais, e eu procuro fazer o que ele manda*” (Mateus); “*e eu frequentava a igreja católica, e lá você vê pessoas passando por situação difícil, mas não tem ninguém que te dá estrutura, não tem nada*” (Marisa); “*sim, eu me afastei de muitas pessoas, eu tive que me afastar, quando eu me converti, porque eu era uma pessoa que andava em caminhos que eu entendo hoje por caminhos errados*” (Saulo); “*quando eu*

*fui me relacionando com Deus, não com a igreja, quando eu fui ouvindo a voz de Deus, ele foi me dizendo: 'Gilson, você precisa mudar, você precisa aprender a amar, dar sem esperar receber'" (Gilson); "mas felizmente eu segui um caminho, que eu acho que é o melhor. Eles estão prontos para te servir e te atender. Agora as amizades são outras, o estilo de vida é outro. Você tem pessoas apoiando, você tem em quem você se apoiar" (Carlos); "depois da minha conversão, depois de conhecer a Cristo verdadeiramente, hoje eu sou o referencial da minha família como servo de Deus. Para o meu pai eu sou um referencial de filho, para a minha mãe eu sou um referencial de servo de Deus" (Felipe); "comparando a nossa vida cristã com a nossa vida profissional, tem situações que a gente tem que fazer e que não gosta, que nem, por exemplo, omitir algumas coisas" (Vinícius).*

Cada entrevistado relata uma sequência parecida: houve aproximação do grupo religioso, muitas vezes influenciada por pessoas próximas; houve a identificação (sentimento de pertença), seguida por uma pertença de fato por meio da integração oficial ao grupo religioso, resultando em transformações na forma de olhar o mundo, de se relacionar com as pessoas, com antigos e novos amigos, com a família. Para todos os participantes, essas transformações foram positivas, sendo as mudanças que ainda estão em processo relatadas por alguns participantes como algo doloroso e conflitante.

Os participantes, assim como os entrevistados por Pacheco et al. (2007), utilizam a expressão pessoas "do mundo", para se referir àqueles que não compartilham de sua fé. O grupo de pessoas "do mundo" representa o exogrupo dos participantes, e ainda que reúnam características especiais – grupo constituído por todas as outras pessoas, religiosas ou não – é por meio desse grupo que os participantes (re)afirmam sua identidade social, considerando o processo de categorização e comparação social, tal como proposto por Tajfel (1983).

As pessoas "do mundo" são negativamente estereotipadas pelos entrevistados, que discordam de algumas práticas embasadas em concepções ancoradas no ateísmo ou em outras religiões, o que provoca um afastamento inicial dos que permanecem sendo "do mundo", seguida pela retomada dos antigos relacionamentos estabelecendo como meta a conversão do outro. O afastamento acontece por decisão do participante, já que não mais compartilha dos mesmos valores, ou por exclusão do grupo, que "deixa de se lembrar" de convidar, de estar por perto. A retomada de intimidade acontece por iniciativa do convertido,

que mantém a expectativa de que o outro venha a se tornar parte de seu atual endogrupo pelo processo de conversão, tal como ocorreu com ele próprio.

As novas práticas e a nova forma de proceder em relação a diversos aspectos da vida, inclusive a "postura de evangelizador", antes ausente, no caso dos grupos religiosos em que cada fiel busca atrair outras pessoas para experimentarem as mesmas sensações e convicções que passaram a viver, frequentemente gera reações de hostilidade ou de incredulidade entre os que eram interlocutores habituais em seu grupo anterior de pessoas "do mundo". Segundo o relato dos participantes isso de fato ocorreu, ainda que sem consequências graves, caracterizando reações que a passagem do tempo e a continuidade da permanência no grupo religioso se encarregaram de dissipar. Assim como os entrevistados atribuem estereótipos negativos ao exogrupo, seus integrantes não compreendem as mudanças vivenciadas pelos participantes e também atribuem ao novo grupo estereótipos negativos. Dessa maneira, apesar de algumas hostilidades, os laços afetivos motivam a proximidade dos grupos. O indivíduo que mudou gostaria que os demais também mudassem. O indivíduo que não mudou gostaria de ver os que mudaram retornarem aos costumes anteriores. A descrição do relacionamento conjugal dos participantes, e destes com os filhos, aparece a seguir, sendo pontuadas as interferências da religião na condução dessas relações.

O bloco temático "relacionamento conjugal, filhos e projetos para o futuro" refere-se ao relacionamento do(a) participante com seu(sua) cônjuge, à eventual influência da religião no cotidiano do casamento, além das decisões concernentes aos filhos e ao planejamento para o futuro da família. Está representado pelas seguintes categorias:

- 1) como se conheceram;
- 2) concepções sobre como deveria ser uma vida conjugal adequada;
- 3) mudanças pessoais em função do casamento;
- 4) divisão de papéis e tarefas;
- 5) decisão de ter um filho;
- 6) razões para o adiamento de ter um – ou mais um – filho;
- 7) mudanças em função do nascimento dos filhos;
- 8) criação de filhos e ensinamentos: meios e prioridades;

- 9) planejamento para o futuro;
- 10) satisfação/insatisfação relacionada a aspectos específicos do casamento.

Alguns participantes se conheceram de maneira usual, em festas, ambiente de trabalho, escolas. O destaque aqui é para os casais que, já evangélicos, foram unidos por meio da religião. Quando questionados sobre um modelo de relacionamento conjugal, muitos participantes apontaram para seus próprios casamentos, como faz Gilson: “*no meu caso, como é hoje. Um casamento cheio de paz, alegria, onde o centro da união é Jesus Cristo. Ele ensina tudo. Na Bíblia tem tudo, é o nosso manual do casamento, é o nosso manual de vida*”.

Um dos pontos mais importantes abordados em tais ensinamentos é o da concepção do casamento como instituição eterna, independentemente do divórcio ser aceito por grande parcela da sociedade como alternativa para relacionamentos que enfrentam dificuldades, alternativa essa que está legalmente amparada. Em outras palavras, pode-se dizer que para os participantes a possibilidade de separação não é sequer cogitada e tal forma de pensar tem reflexos amplos sobre a vida dos casais que assim pensam e sobre suas famílias. O nome do curso citado por muitos, “Casados para sempre”, e o termo “uma só carne”, utilizado várias vezes, indicam que faz parte da representação de casamento, para este grupo, a indissolubilidade do relacionamento. Resultados parecidos foram encontrados por Lambert e Dollahite (2008), que concluíram que a crença na indissolubilidade do casamento contribui para que haja segurança na estabilidade do relacionamento, o que proporciona um contexto em que tentativas de resolução de conflitos, por parte de ambos os cônjuges, possam acontecer de forma pacífica e satisfatória, uma vez que existe uma meta que é claramente partilhada, que é comum a ambos os cônjuges. Isso também pode ser verificado com os participantes do presente estudo.

O grupo religioso influencia não apenas a resolução de conflitos, mas atua também no fornecimento de informações sobre temas a respeito dos quais existe certa pressuposição de que deveriam ser do conhecimento de todos, o que não ocorre na prática. Nos grupos específicos para casais e/ou por meio da participação regular na igreja, as pessoas (entre elas as que participaram do estudo que aqui se descreve) são instruídas sobre como devem se relacionar com o outro, o que inclui um amplo leque

de temas, envolvendo desde a convivência diária até o relacionamento sexual do casal (como menciona a participante Viviane). A participação em cursos como o “Casados para Sempre” e até mesmo o tempo que investem juntos em oração, como afirmou Rafael, são oportunidades importantes, nas quais o casal tem um tempo no qual estão juntos, direcionados ao mesmo objetivo, que se transforma em um tempo de qualidade investido pelo casal no relacionamento. Os participantes consideram fundamental esta “intervenção” da religião no casamento, sendo que, para alguns casais, ela é a justificativa para a manutenção do casamento (como reconhece Daniela), e de um relacionamento conjugal satisfatório.

A terapia conjugal reconhece há muito tempo que uma das mais claras dificuldades é a de comunicação entre os membros do casal, uma vez que cada um de seus componentes traz consolidada em sua formação formas e modelos às vezes bastante diversas de compreender atribuições de gênero e padrões de relacionamento interpessoal. Uma das principais atribuições do terapeuta é, portanto, “reduzir a polarização validando as diferentes experiências de cada membro da família” (Macedo, 2009, p. 71). Féres-Carneiro (1998) explora exatamente esse tema em um estudo cujo título destaca “o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade” no casamento contemporâneo, mencionando que a identidade conjugal precisa ser construída a partir de duas pessoas com histórias diferentes. A adoção de um pressuposto totalmente compartilhado, como o que foi observado no presente estudo, resultante da inserção religiosa dos participantes, reduz as dificuldades de comunicação, uma vez que passa a existir uma espécie de superestrutura de ações e de metas que os envolve.

As mudanças que aconteceram após o casamento e após o nascimento dos filhos, relatadas pelos participantes, indicam maior nível de maturidade, consequência de novas responsabilidades, inexistentes anteriormente. Uma das participantes (Letícia) afirma: “*ah, eu acho que eu tive que crescer, na verdade. Porque na casa dos meus pais era tudo muito fácil, tudo muito na mão*”. Outra entrevistada (Viviane) diz: “*Depois que a Vanessa nasceu a minha vida deu uma reviravolta. Eu tenho tido muito menos tempo para fazer coisas que eu fazia muito. Mudou a minha forma de ver a vida*”. Os participantes, de modo geral, afirmam que passaram a experimentar um tipo de preocupação antes não existente, que retrata essa nova fase vivenciada por eles, seja mantendo e

cuidando de uma casa sem o auxílio dos pais, seja exercendo a paternidade/maternidade com todos os cuidados necessários com a criança. Se para Silveira e Wagner (2006) a adolescência se estendeu e os jovens têm vivido por mais tempo na casa dos pais, para os participantes desta pesquisa foi diferente, uma vez que todos se casaram antes dos 35 anos, e apenas quatro entrevistados saíram da casa dos pais depois dos 30. Não é possível precisar se a religião influenciou diretamente essa decisão, mas é possível afirmar que, com o aumento da responsabilidade, seja em termos de organização financeira, seja na resolução de conflitos com o outro, a religião permitiu que esses jovens adultos não apresentassem características que os aproximassem de adolescentes, como no caso apresentado pelos autores mencionados anteriormente.

Apesar de aparentemente não haver insatisfação relacionada à execução de tarefas domésticas e de provimento financeiro, valores tradicionais de gênero foram constatados, reforçados pelos ensinamentos religiosos, e seguem caminhando lentamente para transformações. Enquanto para alguns casais as responsabilidades são bem divididas, para outros, o que precisa ser feito é realizado por quem apresenta disponibilidade para aquilo naquele momento. Grande parte dos casais transita entre esses dois extremos, ora pendendo para um, ora para outro, ou um “ajudando” o outro no que não é sua responsabilidade. Coutinho (2008) afirma que a convivência entre valores tradicionais e modernos em nossa sociedade atual faz com que casais vivenciem timidamente essas transformações e, apesar da forte característica religiosa, os participantes desta pesquisa também experimentam essa transição.

A decisão de ter ou não um filho, e o melhor momento para que isso aconteça, é discutida entre os casais, e apesar de várias vezes proferirem frases como: “*a gente fala daqui a uns dois anos, assim, sabe, mas eu penso que vai ser na hora que Deus planejar, entendeu, eu não me preocupo*” (Gisele), o momento certo é determinado mais em função de estabilidade financeira do que por conceitos religiosos. No entanto, a partir do momento em que esse filho é gerado, há o desejo e o planejamento de ensinar a essa criança os conceitos cristãos, para que ela se torne um membro do grupo, como afirma a participante citada anteriormente: “*olha, a primeira coisa que eu penso, é fazer com que ele ande nos caminhos do Senhor. Sabe, assim, criar na igreja, criar conhecendo a Palavra*”. A vinculação identitária religiosa parece ser tão forte que os pais consideram que, exercendo influência sobre seus filhos, estes estarão

isentos de outras vinculações grupais significativas e, portanto, isentos de outras influências e “riscos” aos quais os pais foram submetidos em sua juventude.

Quanto aos planos para o futuro, estes envolvem a qualidade de vida da família, seja por meio da aquisição de bens, seja por meio da educação formal de um dos membros do casal e do planejamento da educação para os filhos, além da permanência do casal e dos filhos em unidade entre si. Ainda aparece, de maneira muito forte, e possivelmente embasando os planos mencionados anteriormente, o desejo de manutenção do vínculo da família com o grupo religioso e com Deus, como exemplificado por Fernanda:

*Eu pretendo, assim, na minha família, ter uma família muito unida, na comunhão de Deus, e todos nós nos pés do Senhor. Assim, eu falo para o Senhor que eu não quero me desviar, porque se eu me desviar e sair dos meus caminhos, que ele venha me tirar daqui. Porque eu quero todo mundo ali, na presença de Deus, nossos filhinhos buscando a Deus, não por obrigação, porque eu sinto, assim, que a minha felicidade é ficar dentro da presença de Deus não porque a minha mãe quis, não porque o meu pai obrigou, não por isso, mas porque eu quero servir, eu quero buscar, então eu quero que os meus filhos tenham essa sede de Deus. E eu espero que eu tenha um futuro abençoado.*

## Considerações finais

Escapa ao alcance do presente trabalho a discussão sobre a dinâmica das relações intergrupais quando estão em jogo grupos com grande representatividade cultural ou política, como é o caso dos grupos religiosos, entre outros. A adesão a um grupo pode resultar da valorização de atributos desse grupo e desvalorização de atributos de outros grupos, como também pode implicar esse tipo de visão. Para qualquer grande grupo cultural a questão do etnocentrismo exemplifica bem as dificuldades que estão no horizonte de tal discussão. A natureza e o grau de afastamento, rejeição e dominação que pode vir a se concretizar em tal dimensão de relações intergrupais é questão complexa, na qual tem importância a configuração populacional, econômica e política (inclusive internacional), além do equilíbrio em termos de hegemonia cultural. De forma bastante simplificada, é possível dizer ainda que grupos minoritários (qualquer que seja a dimensão de tal minoridade) adotam estratégias



de sobrevivência distintas daquelas privilegiadas por grupos majoritários. Em termos históricos é possível constatar que grupos minoritários escolheram investir em seu crescimento, enquanto grupos majoritários não poucas vezes optaram pela eliminação de grupos que com ele se confrontavam. É certo que qualquer grupo, inclusive os grupos religiosos, que por sua própria lógica estão sempre muito próximos do etnocentrismo, correm o risco de enfrentamentos como esses que foram delineados anteriormente (mesmo que se esteja falando do universo de uma mesma nação), mas essa é uma questão para outros trabalhos.

Os dados obtidos mostraram que os participantes reconhecem e explicitam que o pertencimento ao grupo religioso específico ao qual aderiram, nas condições em que o fizeram, acarretou várias transformações conceituais e comportamentais em praticamente todas as esferas de sua vida. Essas mudanças, definidas pelos participantes como positivas, influenciam, entre outros, seus relacionamentos com os cônjuges e com os filhos.

Foi possível observar que desde as concepções sobre como seria um casamento ideal, até o relato sobre o cotidiano familiar, podem ser encontrados aspectos decorrentes dos ensinamentos religiosos direcionando e/ou legitimando certas práticas dos participantes. Vale mencionar a possibilidade de estar em jogo um processo do seguinte tipo: ao elegerem uma forma de vinculação à qual os dois membros do casal podem aderir em condição de equivalência, e ao defini-lo como esfera de maior proeminência e de importância decisiva em suas vidas (os princípios religiosos), as diferenças que possam existir entre eles (de concepções, de escolaridade, de condição econômica da família de origem, entre outras) passam a ter sua eventual influência minimizada, com o que aumenta a chance de evitar problemas decorrentes de aspectos relativos a diferenças de gênero e a detalhes das práticas conjugais. Em outras palavras, assimetrias que possam existir são sobrepostas pela equivalência mais importante de valorizar um mesmo conjunto de princípios e de ensinamentos provenientes de uma fonte externa valorizada como fundamental.

Não é possível, nem é parte da pretensão deste estudo, promover algum tipo de avaliação da adequação das práticas dos participantes como estratégia para alcançar os objetivos que pretendem. Fica o registro de que seria interessante empreender estudos longitudinais que aferissem a ocorrência de novos episódios de trânsito religioso envolvendo

os participantes, assim como estudos que pudessem averiguar em prazos maiores a confirmação tanto de transformações já configuradas (por exemplo, manutenção de relacionamento conjugal, ausência de alcoolismo) como de projetos futuros (por exemplo, melhoria financeira, padrões de comportamento e de religiosidade dos filhos).

## Referências

- Almeida, R., & Montero, P. (2001). Trânsito religioso no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, 15(3), 92-101.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Coutinho, S. M. S. (2008). “A dona de tudo”: O que é ser mulher, mãe e esposa de acordo com as representações sociais de mulheres de duas gerações. Tese de doutorado Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES.
- Domínguez, L. G. (1998). Sobre la familia cristiana. *Pharos*, 5(1), 125-129.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 1-13.
- Jablonski, B. (2003). Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e separação na classe média carioca. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: Arranjos e demandas contemporâneas* (pp. 141-168). Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2008). *Estudo Especial sobre a Mulher – PNAD*. Recuperado em 16 dez. 2008, em [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1098&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1098&id_pagina=1)
- Jackson, J. W., & Smith, E. R. (1999). Conceptualizing social identity: a new framework and evidence for the impact of different dimensions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25(1), 120-135.
- Lambert, N. M., & Dollahite, D. C. (2008). The threefold cord: Marital commitment in religious couples. *Journal of Family Issues*, 29(5), 592-614.

- Macedo, R. M. S. (2009). Questões de gênero na terapia de família e casal. In L.C. Osório & M. E. P. Valle (Org.). **Manual de terapia familiar** (pp. 58-73). Porto Alegre: Artmed.
- Pacheco, E. T., Silva, S. R., & Ribeiro, R. G. (2007). “Eu era do mundo”: Transformações do auto-conceito na conversão pentecostal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, **23**(1), 53-62.
- QSR International. (2002). **N6 Reference Guide**. Melbourne: QSR International.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Família e emprego: Conflitos e expectativas de mulheres executivas e de mulheres com um trabalho. In T. Féres-Carneiro (Org.). **Família e casal: Saúde, trabalho e modos de vinculação** (pp. 157-201). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Scott, R. P., & Cantarelli, J. (2004). Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. **Caderno CRH**, **17**(42), 375-388.
- Silva, D.E. (2008). Neopentecostalismo, dinheiro, dádiva e representação social do divino. **Interações – Cultura e Comunidade**, **3**(3), 169-188.
- Silveira, P. G., & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: A permanência do adulto jovem em sua família de origem. **Estudos de Psicologia**, **23**(4), 441-453.
- Tajfel, H. (1983). **Grupos humanos e categorias sociais: Estudos em psicologia social**. Lisboa: Livros Horizonte.

Recebido: 09/10/2009

*Received:* 10/09/2009

Aprovado: 15/03/2010

*Approved:* 03/15/2010